

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
&
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Colóquio

“Sociedade, Valores e Educação”

16 e 17 de Março

Fundação Cuidar o Futuro

INTERVENÇÃO ENG^a MARIA DE LOURDES PINTASILGO

17 DE MARÇO DE 1998

Liberdade, Virtude, Interesse Próprio



Mudança dos paradigmas

O que temos de abandonar:

- o progresso ilimitado: tudo tem limites, desde a própria ciência e técnica (descobrir a caixa, meta!! fútil) a nós próprios; ser é descobrir a nossa lei interna,

desmontar:

- a ciência não se corrige sempre a si própria;
- a minha liberdade não me permite tocar violino, porque nunca aprendi e agora já é tarde.

(Sobreviver o século XXI, não só uma nova ética mas a realização de um novo entendimento)

- para além das dicotomias reducionistas

- pobres/ricos; pobres/não-pobres;
- teóricos/práticos;
não há teoria que não assente na prática perseverante;
não há prática que se concretize fora de um campo teórico, ainda que só intuitivo;
- éticos/não-éticos/moral;

⇓ Fundação Cuidar o Futuro

continuum de qualquer classificação → o que emerge desse *continuum* é resultado de uma situação e de um tempo;

- um mundo de probabilidades, de incerteza.



I – Globalização

- Tenho acentuado nos últimos anos que os problemas globais não são:
 - uma justaposição de problemas acontecendo em diferentes partes do mundo e, por efeito, cumulativo criando um problema global;
 - nem tão pouco a simultaneidade de fenómenos ou acontecimentos idênticos tendo lugar em diferentes países e dando, assim, lugar à percepção de um problema global.

Defino a globalização pela deslocação do lugar onde os factos nascem – a globalização tem como lugar de enunciação e de acontecimento ou território social o planeta como um todo.

a) Os factos

Três exemplos clássicos de factos globais:

- o clima percebido hoje como resultando de uma variedade de causas planetárias;
- a economia quer nas suas vertentes de produção e consumo quer nos seus instrumentos financeiros;
- a informação como resultado directo de uma tecnologia que usa veículo planetário e extra-planetário.



- Extra-territorialidade da economia e da informação
 - paradoxalmente, a territorialidade da soberania torna-se o factor que facilita o movimento do capital e dos bens;
 - globalização da economia e informação ao mesmo tempo que a fragmentação da soberania política.

• Os factos globais dão origem a problemas globais, embora se não esgotem em problemas. Trazem consigo formas novas de viver e novas possibilidades de qualidade de vida.

A mudança que se opera durante a última década é o começo de uma nova etapa da história da humanidade. Não se trata apenas de uma mudança de escala mas de uma nova natureza das convicções e das problemáticas que caracterizam a sociedade. Algumas dessas mudanças são ponto de partida para a descoberta de valores que hão-de estruturar as sociedades.



Fundação Cuidar o Futuro

• Transformação de representação que nós fazemos das sociedades, dos países, dos grupos:

de uma ordem inter-nacional a uma “ordem” envolvente, transnacional, propriamente global.

O paradigma que norteia a nossa compreensão do mundo e a nossa situação nele sofreu uma mudança radical de coordenadas. “Todo o mundo é uma aldeia”

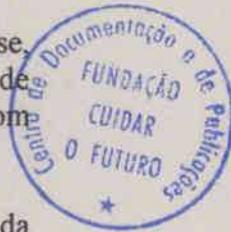
As fronteiras caíram.

• A primeira transformação operada pelo paradigma de uma contextualização global da existência tem uma consequência imediata e óbvia: uma nova realidade do Estado-nação.

- a) Nada impede qualquer pequeno grupo de se afirmar como Estado-nação se, ao situar-se nesse contexto global, se auto-perceber como uma unidade de cultura, de língua, de tradições. Basta o aparecimento de um chefe com poder absoluto;
- b) No Estado-Nação, de história já muito antiga ou recente, o problema da soberania põe-se de maneira nova. Deixa de se cunhar moeda e garantir a inviolabilidade de fronteiras para se tornar a responsabilidade na descoberta de mecanismos e ideias que permitam gerir os problemas globais, veiculando aí a sua riqueza cultural, científica, tecnológica.

• Mas o paradigma do espaço global traz consigo também um novo entendimento da pessoa humana.

- a) Temos a consciência de uma biosfera em tremenda transformação com uma evolução tal da bio-diversidade que, desconhecemos, a prazo, que formas de vida serão viáveis. Por outro lado, a atmosfera é, cada vez mais, o resultado das transformações químicas resultantes da bio-esfera e das actividades humanas;
- b) Ganha força a noção de noosfera, da camada dos humanos de que falou Teilhard de Chardin e que começa hoje a ser compreendida. É essa noosfera que interage com a biosfera e com a atmosfera.
A interacção foi expressa ao longo dos séculos através de filosofias diferentes: enquanto as civilizações asiáticas, em particular as que foram moldadas pelo budismo, a viram sempre como harmonia constante entre os humanos e os outros seres, a civilização ocidental, moldada por filosofias nascidas de mundividência judaico-cristã, viram os humanos dominando a terra;
- c) Neste contexto, a pessoa humana emerge dessa noosfera, ou, em outras palavras, a pessoa só advém na comunidade humana (“criança selvagem”) e na comunidade humana estruturada por valores (“Lord of the flies”).



Fundação Cuidar o Futuro

A comunidade humana confere-lhe:

- a linguagem (a vinda à palavra);
- a capacidade de dar nome às coisas (de as reconhecer de modo inédito);
- a capacidade decisiva, da representação simbólica, como fundadora de humanidade;
- este "eu" que emerge é sempre interdependente → "interesse próprio"



tudo o que faço é porque
"ça m'arrange"
"ça me convient"

• A vivência dos factos globais e a resolução (ou a mera questão) dos problemas globais exigem também uma ética global.

→ O que a ética não é:

- "histórias de sucesso" num mundo em que ainda não encontramos as soluções para os problemas;
- os valores médios como medida do real, disfarce estatístico da coexistência do muito e do quase nada;
- aceitar o sofrimento num panorama em que a racionalidade que o descreve e explica aumentou;
- um espaço - tempo linear e vertical, em que uma ideia de "progresso" atribui sentido à sucessão dos acontecimentos;
- a construção da história pelo vitoriosos e a interpretação da derrota, não pelos crimes que cometeu, mas pela fraqueza dos instrumentos (*post* - Vietnam gerou a guerra do Golfo);
- os poderosos não estão sozinhos: os fracos concluem que a sua derrota é por ausência de armamento e estratégia;
- não é um modelo uniforme;
- não é um menor denominador comum;
- não é uma imposição de um sistema ético sobre outros.

Mas:

- o núcleo central dos valores éticos partilhados pelos grandes sistemas de pensamento, em particular, religiosos e filosóficos, nos quais todos os humanos se podem reconhecer e a que se podem comprometer por imposição da consciência.



Onde?

Trabalho a ser feito por vários grupos: prémios Nobel, Fundação para a ética global, Conselho de InterAcção de ex-chefes de governo...

Lista de Participantes do Inter Action Council:

Membros:

H.E. Mr. Helmut Schmidt
H.E. Mr. Andries van Agt
H.E. Mr. Miguel de la Madrid Hurtado

Conselheiros Académicos:

Prof. Hans Küng, Tubingen University
Prof. Thomas Axworthy, Adjunct Faculty in Public Policy at Harvard University
Prof. Kim kyong-dong, Seoul National University

Especialistas:

Cardinal Franz Koenig, Vienna, Austria
Prof. Hassan Hanafi, University of Cairo
Dr. Ariyaratne, President of the Sarvodaya Movement of Sri Lanka
The Rt. Rev. James H. Ottley, Anglican observer at the United Nations
Dr. M. Aram, President, World Conference on Religion & Peace (MP, India)
Dr. JuliaChing (Representing Confucianism)
Dr. Anna-Marie Aagaard, World Council of Churches
Dr. Teri McLain, Author
Prof. Yersu Kim, Director of the Division of Philosophy and Ethics, UNESCO
Prof. Richard Rorty, Stanford Humanities Center
Prof. Peter Landesmann, European Academy of Sciences, Salzburg
Ambassador Koji Watanabe, Former Japanese Ambassador to Russia

Jornalistas:

Ms. Flora Lewis, International Herald Tribune
Mr. Woo Seung-yong, Munhwa Ilbo

Coordenador de Projecto (IAC Tokyo Secretariat)

Keiko Atsumi

A recepção a esta iniciativa não é pacífica, em particular em algumas instituições que se mantêm num outro paradigma.

Para esses falar de “responsabilidades”, “deveres” ou “obrigações”, suscita **duas críticas**:

- **uma**, a de que isso decorre de uma visão “pessimista” do mundo.

Dentro de 3 a 5 décadas, a população mundial, que no ano 2000 é de 6 mil milhões, terá aumentado de 4,1 mil milhões de habitantes, i.e., o mesmo número que constituía o mundo inteiro em 1975. Desse mundo de mais de 4 mil milhões só 1% estará no hemisfério Norte. Como vão Ter pão, tecto, vestuário, educação, saúde, se

↓
Béccasido



hoje já 1,3 mil milhões de pessoas vivem na pobreza absoluta? Como se pode falar de realidade, chamando-a de pessimista!!

A questão não está em qualificar a mudança de “negativa” ou de “positiva”, mas como uma das mudanças mais altamente ambivalentes a que os humanos têm de fazer face.

É um momento que traz oportunidades sem conta e perigos sem conta e que, por isso, põe radicalmente a questão de critérios para valores e de pontos de orientação.

• A **outra crítica** consiste em suspeitar que as responsabilidades e os deveres porão limites às liberdades individuais.

Esta crítica esquece os limites já postos hoje à liberdade:

- velocidade média dos carros em Londres durante o dia de trabalho = velocidade média de há um século quando o transporte se fazia por carros puxados a cavalos;

- em várias capitais, a quota de alerta de poluição é atingida cada vez com mais frequência: redução de utilização de automóveis, ...

Direitos e deveres não se podem separar. São dois lados da dignidade humana. É justamente a violação maciça dos direitos humanos que mostra a existência de um vazio de responsabilidades. Porquê?

→ pela negligência: negar o que liga;

→ pela dificuldade de compreensão;

→ pela falta de imaginação;

→ pela ignorância: Édipo, não saber.

Fundação Cuidar o Futuro
responsability ↔ accountability?



• Apenas um primeiro passo. Julgo necessário levar mais longe as várias dimensões da ética global.

→ As tentativas actuais partem do já adquirido – fundamental por:

- existência guerras religião;

- confrontos ideológicos do passado, revisitados hoje.

→ Mas os dados, os factos, são novos. Portanto, a ética global tem de dar também esse salto.

→ Em 1º lugar, com a afirmação de que os deveres e as responsabilidades dizem respeito, antes do mais, às pessoas, a cada pessoa.

Não se trata de leis a serem codificadas mas de imperativos éticos coextensivos à vida humana. Por isso, serão traduzidos em valores. Mas são seguramente perturbadores para quem diz:

“esse é o teu problema, não é o meu”

“faço isso porque sinto prazer e isso é bom para o meu desenvolvimento, para o meu CV, etc.”

ou ainda para aqueles que estabelecem a meta do sucesso e da vitória para cada gesto que fazem e cada acção que praticam.

• Vendo a pessoa humana como emergente da noosfera, entro necessariamente num quadro ético em que estão presentes factores epocais significativos:

→ a complexidade enquanto interdependência de sistemas autónomos, num constante processo de auto-organização; daí decorre

- a aprendizagem da autonomia como gestão de dependências múltiplas em vários espaços e tempos;
- o esforço persistente da auto-organização, tanto a nível pessoal como social;
- o reconhecimento de níveis e esferas diferenciados do real;

deixámos de ser uma “gemeinshaft” que se abre em círculos concêntricos, da aldeia à capital de distrito, à região, ao país, ao mundo; estamos na intersecção de várias “geminshaft” de coração e de espírito (“Kindred spirits”) (Dick, Robin – Mulheres de Kabul).

→ em segundo lugar, vejo a transdisciplinarietà, um modo inteiramente novo do modo de saber e de conhecer as coisas, fazendo desabar as fronteiras entre os saberes e reconhecendo as interfaces mais importantes do que os conteúdos verticais:

- descompartmentar os saberes como exigência ética? Sem dúvida! A ética toca o processo cognitivo;
- inventar o que se tem chamado “a enunciação colectiva dos saberes”, construir pedra a pedra um saber maior do que a soma dos saberes individuais, dar corpo às analogias, às “passerelles”, o prazer das amizades intelectuais;
- tornar o ciberespaço um espaço habitável e humano;
- libertar o tempo das coisas materiais para circular, passear pelos saberes, (alguns dirão cultura) mas falo aqui dos saberes vividos e apropriados através da experiência.

→ em 3º lugar, a convicção, cada vez mais alargada nas ciências físicas de que os fenómenos serão irreversíveis:

- já Sartre tornara claro que fugir à irreversibilidade da palavra dita ou do gesto feito só tem uma solução: cruzar os braços e não fazer nada. (Por isso, também, Pessoa sentia “a importância metafísica do mais pequeno gesto”);



- a futilidade é só uma intencionalidade, porque na verdade todos os gestos ficam inscritos num mundo invisível e por isso nunca podem ser fúteis;

- se estamos ligados na noosfera, o princípio do mimetismo repercute-se em ondas imprevisíveis e vão clonar comportamentos e atitudes (isto é particularmente verdade na matriz da educação);

- uma imensa responsabilidade transforma, por logaritmos que desconhecemos, os destinos de outros.

→ em 4º lugar, a emoção, os sentimentos, as sensações, como condicionantes e determinantes do exercício das responsabilidades:

“só aquele que aceita emocionar-se diante de certas possibilidades é capaz de colocar a si próprio as questões decisivas”

- na perspectiva dos problemas globais, “o medo” é um sentimento forte e não desprezível; em vez de o recalcar e tornar um freio para a acção, é preciso olhar de frente o medo para poder agir; este medo apela à responsabilidade, como tão bem demonstrou Hans Jonas. Não é o medo centrado na pessoa, mas o medo por causa dos outros;

- este medo ou receio sentimo-lo sobretudo por tudo o que é vulnerável. É uma convicção partilhada por Jonas e por Lévinas que *“só um ser vulnerável e frágil pode afectar-nos e compelir-nos à responsabilidade a um ponto tal que nos tornamos seus reféns”*.

